

A exclusão social dos jovens no mercado de trabalho brasileiro

Nancy de Deus Vieira Silva*
Ana Lúcia Kassouf**

Este estudo tem por objetivo diagnosticar a situação do jovem, com idade entre 15 e 24 anos, no mercado de trabalho brasileiro, buscando avaliar a magnitude e os determinantes do desemprego da juventude brasileira utilizando dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1998. Para entender as características que afetam a probabilidade de desemprego de um determinado indivíduo, estimou-se um modelo lógite multinomial para as probabilidades dos jovens se encontrarem, em um determinado instante do tempo, em uma destas 3 situações: inativo, ativo e empregado, ou ativo e desempregado. Os resultados obtidos a partir do modelo lógite multinomial mostraram que o aumento da escolaridade diminui a probabilidade de desemprego dos homens residentes nas áreas urbanas e aumenta a probabilidade de desemprego das mulheres e homens com residência rural devido, possivelmente, a maior seletividade no emprego. A probabilidade de desemprego foi decrescente com a experiência do jovem no mercado de trabalho, para todos os homens e para as mulheres residentes nas áreas urbanas; para as mulheres residentes nas áreas rurais a probabilidade de desemprego foi crescente com anos de experiência. Encontraram-se fortes indícios de existência de discriminação racial contra os negros no preenchimento das vagas de trabalho, e verificou-se também que a probabilidade de desemprego é maior para o jovem cuja renda familiar é mais baixa.

1. Introdução

A questão do emprego e sua qualidade têm preocupado todas as nações ao redor do mundo, trata-se de um grave problema social que vem afetando economias desenvolvidas e em desenvolvimento. A taxa de desemprego no Brasil situava-se em 1997 em patamares relativamente

baixos (5,7%) em comparação com outros países, especialmente Espanha (20,6%), Argentina (16,3%)¹, Polônia (11,2%), França (12,3%) e Itália (12,1%). A taxa de desemprego no Brasil é mais próxima da dos Estados Unidos (4,9%), Coreia (2,6%) e Japão (3,4%)². Apesar de a taxa de desemprego brasileira ser baixa, ela encontra-se elevada para determinados

* Doutora em Economia Aplicada pelo Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ/USP.

** Professora Associada do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ - USP.

¹ Este valor é referente a 1996.

² Estes valores foram retirados de OIT (2000), Tabela 2, exceto para o Brasil, pois o último valor para o país era de 1996, constando na fonte citada. O dado do Brasil foi coletado junto à Revista Conjuntura Econômica (FGV) – março de 2000. A taxa de desemprego no Brasil e Argentina é considerada para população com 10 ou mais anos de idade, para Espanha e Estados Unidos é considerada população com idade acima de 16 anos, e demais países a idade considerada é acima de 15 anos.

grupos populacionais, sendo bastante elevada principalmente para os jovens. Havia no Brasil, em 1998, quase 31 milhões de jovens com idade entre 15 e 24 anos, dos quais 19.432.545 (63%) eram economicamente ativos. Da população jovem ativa, mais de três milhões não tinham nenhum trabalho, produzindo assim, uma taxa de desemprego de 17,2%.

Segundo Koreman e Neimark (1997), entre as economias desenvolvidas, os países da Europa enfrentam uma crise de emprego entre os jovens. No período de 1970 a 1994, a taxa média de desemprego entre os jovens com idade entre 15 e 24, nos 11 países europeus estudados pelos autores, aumentou 16 pontos percentuais (de 4,2 para 20,6%), enquanto a taxa média de desemprego entre os adultos com idade entre 25 e 54 anos aumentou de 1,6 para 9,7%. Ainda segundo os autores, nos Estados Unidos, no mesmo período, a taxa de desemprego entre os jovens aumentou de 11,0 para 12,5%, e dos adultos de 3,4 para 5%. Para este mesmo período, a média da taxa de emprego dos jovens nos 11 países europeus caiu de 59% para 41%, enquanto o emprego entre os adultos aumentou ou permaneceu estável.

No Brasil as taxas de desemprego entre os jovens de 15 a 24 anos de idade aumentaram substancialmente. Em 1990 existiam 10,7% de jovens desempregados, enquanto em 1998 já somavam 17,2%. Os jovens de 15 a 24 anos representavam 51% e 49% dos desempregados brasileiros em 1990 e 1998, respectivamente (PNAD, 1990 e 1998).

Além dos problemas econômicos gerados pelo desemprego entre os jovens, talvez o mais grave seja que “o desemprego e a baixa empregabilidade dos jovens têm contribuído para o aumento da violência, da prostituição, e do consumo de álcool e drogas, assim como sua vulnerabilidade social em todo o mundo” (OIT, 1999, p. 2). Vários estudos correlacionam a situação de desemprego com a criminalidade juvenil. Em estudo realizado pela OIT (2000), aspectos extremamente negativos foram observados em situação de alto desemprego entre os jovens, tais como

consumo de drogas, aumento na participação em crimes e aumento de suicídio. Freeman (1996) apresenta evidências de que o mercado de trabalho em crise para homens menos especializados nas décadas de 80 e início dos anos 90 tem contribuído para aumentar o crime por estes homens. Em contrapartida, Freeman (1999) estimou os efeitos do impacto da expansão da economia americana, no período de 1992 a 1998, sobre o mercado de trabalho para os homens com menos escolaridade. Entre outros resultados, observou maior queda na taxa de criminalidade nos estados onde a taxa de desemprego entre os jovens caiu mais. Ademais, vários estudos na área da saúde procuram correlacionar a saúde dos indivíduos com o status ocupacional, tendo vários deles mostrado associação entre desemprego e doenças físicas e psíquicas (como depressão e perda de confiança) entre os jovens. Alguns trabalhos demonstram, ainda, que desemprego e suicídio entre os jovens estão altamente correlacionados (ver, entre outros, Morrel, *et al.*, 1998; Morrel, *et al.*, 1999; Wadsworth, *et al.*, 1999; Goldsmith, *et al.*, 1996). Portanto, existem fortes evidências de que a falta de perspectiva enfrentada pelos jovens em um ambiente de altas taxas de desemprego gera graves problemas sociais, os quais são mais difíceis de serem equacionados que a própria causa.

Este estudo tem por objetivo diagnosticar a situação do jovem, com idade entre 15 e 24 anos, no mercado de trabalho brasileiro, buscando avaliar a magnitude e os determinantes do desemprego da juventude brasileira.

No Brasil, o problema do desemprego entre os jovens pode ser analisado detalhadamente utilizando-se os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de domicílios (PNAD) de 1998. Esta pesquisa, realizada pelo IBGE, contém dados sobre os padrões social e econômico dos indivíduos e permite o estudo do desenvolvimento sócio-econômico do país. Com base nestes dados, fatos importantes sobre o desemprego dos jovens no Brasil foram constatados.

2. Dados

Os estudos sobre o mercado de trabalho no Brasil em geral se apóiam nos levantamentos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) por meio dos Censos Demográficos, Pesquisa Mensal do Emprego (PME) e nas Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (PNADs). Estas últimas são fontes ricas de dados sobre os padrões social e econômico dos indivíduos e permitem o estudo do desenvolvimento sócio-econômico do país.

Na realização deste estudo foram utilizados dados desagregados da PNAD de 1998. Os dados utilizados são muito ricos, por se tratarem de informações individuais, denominados *microdados*. Os dados que compõem esta pesquisa são obtidos a partir de uma amostra de milhares de indivíduos, na qual há detalhes da vida sócio-econômica de cada um, tais como rendimento do trabalho, região onde vive, raça, nível de escolaridade, idade, número e idade das crianças por família, posição do indivíduo na família, atividade que o indivíduo exerce, número de horas trabalhadas, etc. Os dados foram coletados em setembro de 1998, tendo sido

entrevistados 344.975 indivíduos em 112.434 unidades domiciliares.

A média, os desvios padrões e a des-critção das variáveis para 26.436 homens e 27.576 mulheres das áreas urbanas e 5.922 homens e 5.266 mulheres das áreas rurais, utilizadas para estimar as equações de inatividade, emprego e desemprego são apresentadas na Tabela 1.

3. Análise preliminar dos dados

As taxas de desemprego para os jovens têm se mostrado extremamente elevadas em todo o mundo. Segundo a OIT (2000), a taxa de desemprego entre os jovens é aproximadamente o dobro da taxa de desemprego entre os adultos com idade entre 25 a 64 anos, como pode ser observado na Figura 1.

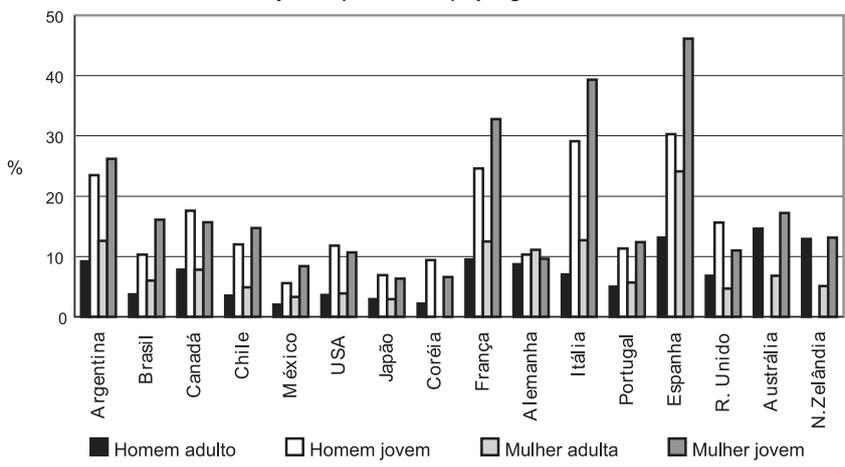
Observa-se na Figura 1 que a taxa de desemprego entre os jovens é particularmente alta na Argentina, França, Itália e Espanha. Examinando a taxa de desemprego entre os jovens, observa-se que ela é menor para os homens em todas as economias em desenvolvimento. Na maioria dos países desenvolvidos, observa-se que as taxas de desemprego são mais elevadas para os homens jovens em

TABELA 1
Descrição das variáveis utilizadas nas equações de inatividade, emprego e desemprego, médias e desvios padrões, para homens e mulheres jovens nas áreas urbanas e rurais

Variáveis	Descrição das Variáveis	Urbano				Rural			
		Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
		média	d.p.	média	d.p.	média	d.p.	média	d.p.
Escolaridade	nº de anos que o jovem frequentou escola	6,90	3,26	7,61	3,22	4,05	3,05	5,02	3,07
Experiência	anos de experiência do jovem	4,19	4,33	2,41	3,64	7,05	4,33	3,90	4,62
Experiência ao quadrado	anos de experiência ao quadrado	36,26	53,68	19,08	40,62	68,47	64,16	36,62	56,75
Escolaridade*experiência	interação da var. escolaridade e exper.	27,54	33,63	18,60	30,38	26,69	29,38	18,52	27,74
Branco (variável binária)	= 1 se o jovem é branco	0,53	0,50	0,56	0,50	0,40	0,49	0,43	0,49
Pardo (variável binária)	= 1 se o jovem é pardo	0,41	0,49	0,39	0,49	0,55	0,50	0,53	0,50
Filho (variável binária)	= 1 se o jovem é filho na família	0,75	0,43	0,58	0,49	0,77	0,42	0,54	0,50
Cônjuge (variável binária)	= 1 se o jovem é cônjuge na família	-	-	0,24	0,43	-	-	0,35	0,48
Outro (variável binária)	= 1 se o jovem é outro na família	0,10	0,30	0,09	0,29	0,07	0,26	0,05	0,22
Nº de pessoas < 8 anos	número de pessoas na família < 8 anos	0,32	0,65	0,52	0,78	0,51	0,85	0,79	0,97
Nº de pessoas > 7 anos	número de pessoas na família > 7 anos	3,19	1,70	2,66	1,79	3,75	2,11	2,94	2,23
Renda familiar per capita	renda familiar menos a renda do trabalho do jovem, per capita	217,6	411,8	224,0	379,9	76,4	135,9	82,8	141,8
R. Norte (variável binária)	= 1 se o jovem reside na região Norte	0,07	0,25	0,07	0,25	0,01	0,11	0,01	0,11
R. Sul (variável binária)	= 1 se o jovem reside na região Sul	0,14	0,35	0,14	0,35	0,14	0,35	0,15	0,36
R. Sudeste (variável binária)	= 1 se o jovem reside na região Sudeste	0,47	0,50	0,46	0,50	0,23	0,42	0,23	0,42
R. Centro -Oeste (variável binária)	= 1 se o jovem reside na região Centro -Oeste	0,08	0,27	0,08	0,27	0,07	0,25	0,07	0,25

Fonte: PNAD/IBGE, 1998 (microdados).

FIGURA 1
Taxas de desemprego para diversos países estratificadas por adultos (25 ou mais anos de idade) e jovens (15 a 24 anos) e por gênero



Fonte: OIT (2000) – Tabela 2.

Obs.: O ano de referência é 1996 para Argentina, Brasil e Portugal. Para os demais países os dados referem-se a 1998. Na fonte de dados não constavam dados para as mulheres adultas da Coréia e para homens jovens da Austrália e N. Zelândia.

relação às mulheres jovens, exceto para França, Itália e Portugal.

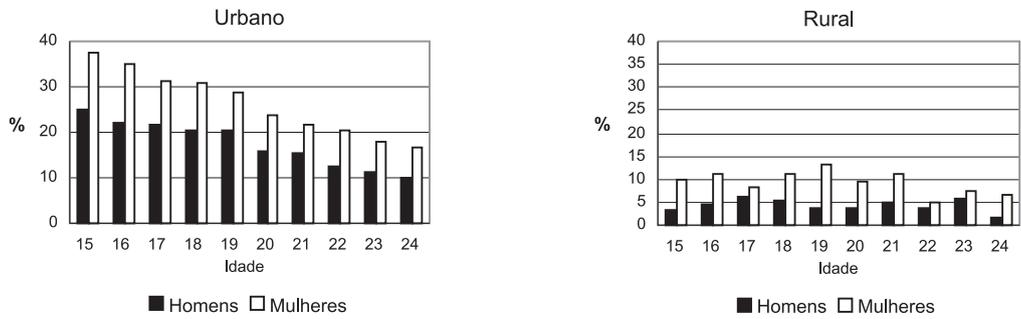
A taxa de desemprego brasileira é relativamente baixa quando comparada com os padrões internacionais, como pode ser visto na Figura 1. Entretanto, ela apresenta-se elevada para alguns segmentos da população, sendo mais alta para as mulheres e para os jovens e significativamente superior nas áreas urbanas.

A Figura 2 mostra que a taxa de desemprego é extremamente elevada para os jovens residentes na zona urbana, sendo que a taxa de incidência do

desemprego entre estes varia de 10% a 37,3%. Observa-se que a taxa de desemprego feminina é cerca de 50% superior à masculina. Ademais, verifica-se tendência decrescente da taxa de desemprego com a idade. Na zona rural a taxa de desemprego é significativamente inferior à taxa de desemprego urbana, varia de 1,7% a 13,4% e não apresenta comportamento monótono com a idade. A taxa de desemprego das mulheres é, em geral, mais que o dobro da taxa de desemprego dos homens.

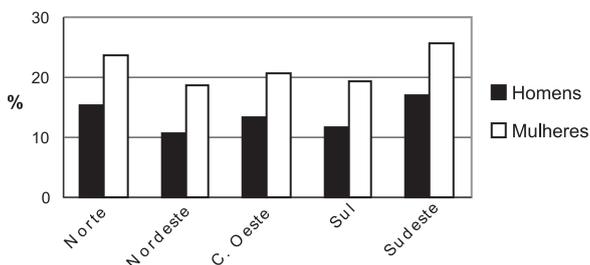
A Figura 3 descreve as taxas de desemprego dos jovens nas cinco regiões

FIGURA 2
Taxa de desemprego dos jovens estratificada por situação de domicílio, gênero e idade



Fonte: PNAD/IBGE, 1998 (microdados).

FIGURA 3
Taxa de desemprego dos jovens estratificada por gênero e regiões



Fonte: PNAD/IBGE, 1998 (microdados).

brasileiras. Observa-se que o desemprego não se distribui de forma homogênea entre as regiões. As maiores taxas de desemprego encontram-se na região Sudeste, seguida da região Norte. Sabe-se que as oportunidades de emprego prevaletentes são melhores na região Sudeste que nas demais regiões. Portanto, a maior disposição dos indivíduos residentes na região Sudeste para o trabalho e o maior incentivo à procura por trabalho poderia explicar as maiores taxas de desemprego desta região.

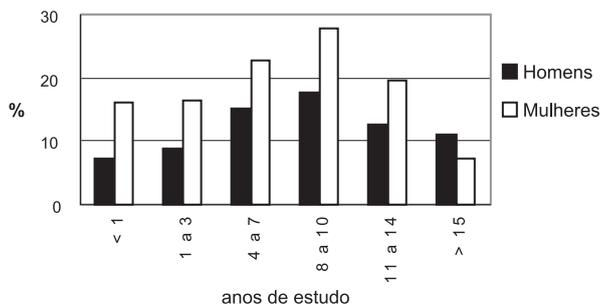
As maiores taxas de desemprego da região Norte em relação às outras regiões deve-se principalmente à exclusão da área rural na pesquisa (PNAD). Conforme pode ser visto na Figura 2, a taxa de desemprego na zona urbana é cerca de 4 e 3 vezes a taxa de desemprego da zona rural, para homens e mulheres, respectivamente.

A Figura 4 mostra que um melhor nível de escolaridade pode agravar a situação de desemprego ou minimizá-la, o que depende do nível educacional que se esteja

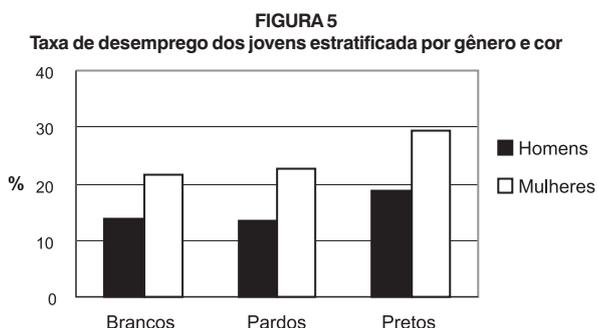
analisando. A educação elementar (1º grau) tende a elevar a exposição do jovem ao desemprego, enquanto a educação secundária e, em particular, a educação superior tendem a reduzir a probabilidade de o jovem ficar desempregado.

A maior taxa de desemprego nos níveis medianos de escolaridade poderia ser explicada pela maior oferta de trabalho para os jovens com esse nível de escolaridade em relação aos níveis mais avançados. Por outro lado, a seletividade na busca por trabalho dos jovens com nível mediano de escolaridade, em relação aos grupos com menos escolaridade, seria maior, o que pode elevar a duração do desemprego para esse grupo de indivíduos. Os trabalhadores menos qualificados geralmente aceitam a primeira oferta de trabalho, já os indivíduos com um pouco de qualificação podem buscar melhores vagas, o que pode explicar o fato de os jovens com nível de escolaridade médio apresentar taxa de desemprego mais elevada que os menos escolarizados.

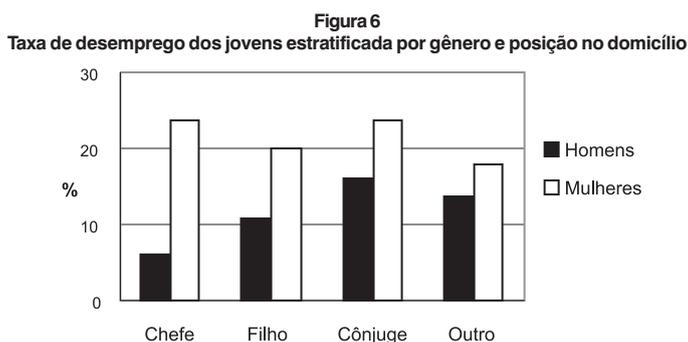
FIGURA 4
Taxa de desemprego dos jovens estratificada por gênero e anos de estudo



Fonte: PNAD/IBGE, 1998 (microdados).



Fonte: PNAD/IBGE, 1998 (microdados).



Fonte: PNAD/IBGE, 1998 (microdados).

A Figura 5 mostra que a taxa de desemprego é significativamente mais elevada para os jovens pretos, sendo 40 e 30% mais elevada em relação à taxa de desemprego dos brancos, para homens e mulheres, respectivamente. Isto pode indicar que os jovens negros são alvo de discriminação racial no mercado de trabalho no preenchimento das vagas existentes e/ou que estes jovens possuem uma menor qualificação que os demais, o que, conseqüentemente, diminui o seu grau de empregabilidade.

A Figura 6 mostra que a taxa de desemprego masculina é menor para os chefes de família, seguidos dos filhos, enquanto para as mulheres é menor entre as filhas, seguidas das chefes. O cônjuge possui salário reserva alto, visto que ele tem maiores responsabilidades com os filhos e com os afazeres domésticos, exigindo, portanto, salário maior para aceitar uma oferta de trabalho, o que explica suas maiores taxas de desemprego.

Historicamente, no Brasil, os chefes de família são responsáveis pela maior parte do orçamento familiar. Portanto, o desemprego para esta categoria de trabalhadores tem conseqüências negativas não apenas para o indivíduo desempregado, como também para sua família. Neste sentido, as baixas taxas de desemprego para os chefes de família, em relação aos demais indivíduos, podem se dar em razão da sua baixa seletividade na escolha de ofertas de trabalho, motivados por elevados custos de busca, ou seja pelo custo de se manter desempregado e os prejuízos daí decorrentes para sua família.

4. Metodologia

Para se investigarem as probabilidades de inatividade, emprego e desemprego, será estimado um modelo lógite multinomial para as probabilidades de os jovens com idade entre 15 e 24 anos se encontrarem, em um determinado instante do tempo, em

uma destas 3 situações: inativo, ativo e empregado, ou ativo e desempregado. Esses modelos têm em comum o fato de que a variável dependente apresenta-se na forma discreta. Aplicações desses modelos na determinação da participação dos indivíduos na força de trabalho, para o Brasil, foram abordadas por Kassouf (1999, 1998), Fernandes e Picchetti (1999), Fernandes (1996), Silva (1997) e Tiefenthaler (1989).

Vale lembrar que indivíduos inativos são todos aqueles que não tinham trabalho e não tinham procurado trabalho na semana de referência (exemplos: dona de casa que possui como atividade exclusiva os afazeres domésticos e cuidados com os filhos, estudantes que se dedicam exclusivamente ao estudo, deficientes físicos e mentais incapazes de exercer qualquer tipo de trabalho, etc.). Indivíduos empregados são todos aqueles que trabalharam ou tinham trabalho na semana de referência da pesquisa, e indivíduos desempregados são aqueles que não tinham trabalho, mas que procuraram trabalho na semana de referência.

A variável dependente tomará o valor 0 – se o indivíduo for inativo, 1 – se o indivíduo for ativo e empregado e 2 – se o indivíduo for ativo e desempregado. Fernandes e Picchetti (1999), utilizando dados da PNAD de 1995, realizaram uma pesquisa a partir deste modelo. A pesquisa buscava entender as características que afetam a probabilidade de um determinado indivíduo se encontrar desempregado em um determinado instante do tempo. Sua amostra restringiu-se a indivíduos com 10 anos ou mais de idade, residentes em áreas metropolitanas.

A estrutura geral desses modelos é baseada na análise de probabilidades. Partindo-se de uma representação adotada por Greene (1997), pode-se ilustrar a idéia do modelo que será adotado da seguinte maneira:

$Prob(\text{evento } j \text{ ocorrer}) = Prob(Y = j) = F[\beta'x]$
 onde j são as diversas situações em que o indivíduo pode se encontrar (inativo, ativo-empregado e ativo-desempregado), portanto, como dito acima, j pode assumir

os valores 0, 1 e 2. O conjunto de parâmetros β reflete o impacto das mudanças em x (matriz de atributos observáveis para os indivíduos) na probabilidade de um determinado indivíduo se encontrar em uma das três situações possíveis.

A especificação do modelo logíte multinomial a ser usada é

$$P_j = Prob(Y_i = j) = \frac{e^{\beta_j x_i}}{\sum_{k=0}^J e^{\beta_k x_i}}$$

sendo:

Y_i = variável aleatória que indica a escolha feita,

$P_j = Prob(Y_i = j)$ = probabilidade de um indivíduo i optar pela escolha j ,

x = matriz de atributos observáveis para os indivíduos,

β = vetor de parâmetros a ser estimado.

A probabilidade de ocorrência de cada resposta, de acordo com este modelo, varia entre os indivíduos com diferentes características de gênero, escolaridade, experiência, número de irmãos, região de residência, raça, renda familiar líquida proveniente do trabalho do indivíduo e condição na família.

Diferenciando a função de verossimilhança e usando o método de Newton, será encontrado um conjunto de coeficientes que não são, entretanto, fáceis de interpretar, pois não representam diretamente as respostas marginais como no método dos Mínimos Quadrados Ordinários. Desta forma, serão calculados os efeitos marginais para facilitar a análise dos resultados. Para obter os efeitos marginais, primeiramente se pressupõe que $\beta_0 = 0$. As probabilidades são, portanto,

$$P_j = Prob(Y_i = j) = \frac{e^{\beta_j x_i}}{1 + \sum_{k=1}^J e^{\beta_k x_i}} \text{ para } j = 1, 2, \dots, J$$

e

$$P_j = Prob(Y_i = 0) = \frac{1}{1 + \sum_{k=1}^J e^{\beta_k x_i}}$$

Diferenciando as equações acima, encontram-se os efeitos marginais, que são:

$$\frac{\partial P_j}{\partial X_i} = P_j \left[\beta_j - \sum_{k=0}^J P_k \beta_k \right] = P_j \left[\beta_j - \bar{\beta} \right]$$

Note que os sinais dos efeitos marginais podem ser diferentes dos sinais dos coeficientes estimados³.

5. Resultados dos modelos econométricos

Neste capítulo são apresentados os resultados dos modelos econométricos para as equações de inatividade, emprego e desemprego. O modelo usado é o lógite multinomial estimado por máxima verossimilhança.

5.1. Equações de inatividade, emprego e desemprego para jovens

A Tabela 2 mostra a porcentagem de jovens na amostra de acordo com sua condição de atividade no período de referência da pesquisa. Os resultados mostram que as taxas de inatividade são maiores para as mulheres do que para os homens e maior nas áreas urbanas do que nas rurais. A porcentagem de jovens empregados é maior nas áreas rurais do que nas áreas urbanas e existe menor porcentagem de mulheres empregadas do que de homens. Ademais, a porcentagem de jovens desempregados é substancialmente superior nas áreas urbanas comparativamente às rurais e ligeiramente superior para as mulheres em relação aos homens.

5.1.1. Equações de inatividade, emprego e desemprego para homens jovens das áreas urbanas

A Tabela 3 apresenta os resultados das equações de inatividade, emprego e

desemprego, para homens jovens, com idade entre 15 e 24 anos, residindo no setor urbano. Nela estão apresentados os efeitos marginais e os testes-t entre parênteses.

Os coeficientes obtidos do modelo lógite multinomial não são fáceis de interpretar, pois não representam diretamente as respostas marginais como no método dos Mínimos Quadrados Ordinários. Desta forma, a análise se dará, essencialmente, a partir dos efeitos marginais de cada variável explanatória.

Pode-se observar que, para o caso das probabilidades de desemprego, dos dezesseis coeficientes estimados quatorze mostram-se estatisticamente significativos, enquanto que nas probabilidades de emprego seis variáveis (educação*experiência, as duas de cor, as duas de irmãos e a variável dummy representando a região Norte) não foram estatisticamente significativas.

Os resultados mostraram que a escolaridade e a experiência contribuem para aumentar a probabilidade de o jovem encontrar-se empregado e para diminuir a probabilidade de outras alternativas. O aumento do estoque de capital humano, aqui representado pelas variáveis escolaridade e experiência, significa aumento de produtividade, o que reflete em maior probabilidade de obtenção de emprego, bem como em aumento nos rendimentos auferidos pelos trabalhadores, o que, tudo mais constante, afeta positivamente a decisão do indivíduo de se inserir no mercado de trabalho, bem como as estratégias adotadas na busca por um trabalho. Tudo isso resulta em queda na probabilidade de inatividade e desemprego

TABELA 2
Porcentagem de jovens de 15 a 24 anos de acordo com sua condição de atividade no período de 20 a 26 de setembro de 1998

	Urbano		Rural	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Inativo	28,0	49,6	12,9	49,1
Empregado	60,0	37,7	83,2	46,1
Desempregado	12,0	12,7	3,9	4,8

Fonte: PNAD/IBGE, 1998 (microdados).

³Para maiores detalhes sobre a interpretação dos efeitos marginais no modelo lógite multinomial, ver Greene (1997), cap. 19, pág. 914.

TABELA 3
Equações de inatividade, emprego e desemprego para homens jovens, com residência urbana

Variáveis	Inativo (referência)	Empregado	Desempregado
Constante	0,117	-0,139 (-7,45) ***	0,0224 (-5,02) ***
Escolaridade	-0,00824	0,00922 (9,44) ***	-0,000978 (6,78) ***
Experiência	-0,131	0,200 (53,73) ***	-0,0692 (22,01) ***
Experiência ao quadrado	0,00727	-0,0107 (-51,43) ***	0,00347 (-21,98) ***
Educação * Experiência	-0,000362	-0,0000446 (1,32)	0,000407 (2,25) **
Branco	-0,00295	0,0558 (1,09)	-0,0528 (-3,58) ***
Pardo	0,00153	0,0262 (0,25)	-0,0278 (-2,15) **
Filho	0,0854	-0,112 (-7,38) ***	0,0269 (-4,12) ***
Outro	0,0708	-0,0885 (-5,51) ***	0,0177 (-3,31) ***
Nº de pessoas na família < 8 anos	-0,00269	0,0113 (1,03)	-0,00864 (-0,89)
Nº de pessoas na família > 7 anos	0,00244	-0,00103 (-1,48)	-0,00141 (-1,90) *
Renda familiar per capita	0,0000648	0,0000596 (-7,54) ***	-0,000124 (-13,25) ***
Região Norte	0,00637	-0,0140 (-0,79)	0,00759 (-0,02)
Região Sul	-0,0332	0,0160 (3,94) ***	0,0172 (4,67) ***
Região Sudeste	-0,0264	-0,00597 (3,83) ***	0,0323 (7,34) ***
Região Centro-Oeste	-0,0319	0,00866 (3,12) ***	0,0233 (4,40) ***
Observações	26.436		
Teste mult. Lagrange	17.115,93		

Obs: Testes t estão entre parênteses abaixo dos efeitos marginais.

*** Denota significância ao nível de 1%

** Denota significância ao nível de 5%

* Denota significância ao nível de 10%

do jovem e aumento na sua probabilidade de emprego.

Observa-se que o efeito da experiência é bem maior que o efeito da escolaridade em aumentar a probabilidade de o jovem estar empregado. Enquanto o aumento de um ano de experiência aumenta 20% a probabilidade de o jovem encontrar-se empregado, o aumento de um ano de escolaridade aumenta apenas em 1% essa mesma probabilidade. Ademais, a probabilidade de desemprego decresce em 7% com o aumento de um ano de experiência e apenas em 0,1% com o aumento de um ano de escolaridade. Portanto, tem-se que, para os jovens na faixa etária dos 15 aos 24 anos, o mercado de trabalho valoriza mais a experiência que a escolaridade.

Talvez esse resultado possa ser explicado pela falta de experiência dos jovens, o que é natural para esta faixa etária, o que faz com que aqueles jovens que possuem alguma experiência estejam em situação de vantagem em relação aos demais.

Fernandes e Picchetti (1999) analisaram a estrutura do desemprego e da inatividade do Brasil metropolitano a partir de dados da PNAD de 1995. A amostra usada pelos autores restringiu-se a indivíduos com 10 anos ou mais de idade, residentes em áreas metropolitanas. Portanto, não é possível fazer comparações entre os dois estudos, visto que os universos de análise são bastante distintos. Vale ressaltar, ainda, que os autores trabalharam com amostra única, não separando homens

de mulheres. Entretanto, como é o único estudo existente nesta linha de pesquisa, vale mencionar alguns resultados obtidos pelos autores.

Para a probabilidade de desemprego, Fernandes e Picchetti (1999) observaram que ela é inicialmente crescente com anos de estudo, atingindo um máximo com cerca de nove anos de estudo e, a partir daí, começando a decrescer. O comportamento observado para a probabilidade de inatividade foi decrescente com anos de estudo.

As variáveis binárias para os grupos de cor existentes no Brasil (branca, parda) foram incluídas nas equações de condição de atividade para refletir diferenças étnicas e valores culturais entre os indivíduos. O grupo de referência é o de cor preta (variável omitida na equação). Essas variáveis só foram significativas para a probabilidade de desemprego. Os resultados indicam que o jovem ser de cor branca ou parda contribui para diminuir a probabilidade de ele estar desempregado, o que vem confirmar os resultados obtidos na análise preliminar dos dados e indica a existência de discriminação racial no mercado de trabalho no preenchimento das vagas existentes.

Variáveis representando a posição ocupada pelo jovem na família (filho, outros e chefe – variável omitida) mostram que jovens cuja posição na família é a de filho têm probabilidade 2,7% mais elevada de estarem desempregados e uma probabilidade 1,1% menor de estarem empregados do que o chefe de família. Tal resultado confirma a análise prévia dos dados, em que a taxa de desemprego masculina encontrada foi menor para os chefes de família. Os chefes de família são, de modo geral, responsáveis pelo orçamento familiar, o que portanto, influencia na sua forma de inserção no mercado de trabalho e estratégia de busca de emprego, sendo esta mais agressiva e persistente, tendo em vista a necessidade de auferir alguma renda para manter sua família.

Fernandes e Picchetti (1999) verificaram que os chefes de família tinham menor probabilidade de inatividade, porém

maiores probabilidades de desemprego em relação aos seus cônjuges, os quais tinham menor probabilidade de desemprego que os filhos, e estes, por sua vez, menor probabilidade de inatividade que os cônjuges.

A variável renda familiar per capita mostra o comportamento das probabilidades de emprego e desemprego com relação ao suporte financeiro da família do jovem. Essa variável causou um aumento estatisticamente significativo na probabilidade de emprego e diminuição estatisticamente significativa na probabilidade de desemprego. A princípio, acreditava-se que essa variável afetaria positivamente a probabilidade de desemprego e negativamente a probabilidade de emprego, tendo em vista que tal variável deve aumentar o salário reserva dos indivíduos e, quanto mais alto o salário reserva do indivíduo maior deve ser o salário exigido para este aceitar uma oferta de trabalho, o que, tudo mais constante, deveria aumentar sua probabilidade de desemprego.

O resultado, entretanto, indicou o contrário; portanto, pode-se dizer que quanto maior é o suporte financeiro do indivíduo, maiores devem ser suas condições de formação e preparo para o mercado de trabalho, o que, tudo mais constante, deve aumentar o seu grau de empregabilidade. A qualidade do ensino não foi controlada na análise e pode ser captada por outras variáveis, como a renda familiar. Indivíduos com um bom suporte financeiro também têm mais condições de se tornarem trabalhadores autônomos abrindo negócio próprio, sendo este o caminho encontrado por muitos indivíduos para fugir do desemprego. Ademais, indivíduos mais ricos se relacionam com pessoas mais ricas e portanto possuem melhores contatos para conseguirem emprego. Observa-se ainda que quanto maior a renda familiar per capita, maior a probabilidade de inatividade, pois quanto mais rica a família, maior a condição de investir na formação de seus jovens sem precisar lançar mão de seu trabalho.

Fernandes e Picchetti (1999) encontraram probabilidades de inatividade

TABELA 4
Taxas de inatividade, emprego e desemprego para homens jovens de 15 a 24 anos de idade estratificadas por região, em 1998

	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul
Inativos	31,1	31,4	24,5	27,8	22,9
Empregados	57,9	57,7	63,6	59,1	66,2
Desempregados	11,0	10,9	11,9	13,1	10,9

Fonte: PNAD/IBGE, 1998 (microdados).

crescentes e probabilidades de desemprego decrescentes com o aumento da renda familiar.

As variáveis binárias para as cinco regiões brasileiras foram incluídas para verificar as diferenças regionais no que diz respeito às probabilidades de os jovens encontrarem-se empregados ou desempregados. A variável binária omitida foi a da região Nordeste. Em relação à probabilidade de emprego, observa-se que o indivíduo residir na região Sudeste diminui a probabilidade de ele encontrar-se empregado, enquanto residir nas regiões Sul e Centro-Oeste faz com que aumentem suas probabilidades de emprego, relativamente à região Nordeste. No que concerne ao desemprego, observa-se que residir na região Nordeste diminui a probabilidade de desemprego dos jovens em relação às demais regiões do país.

A Tabela 4 mostra as taxas de inatividade, emprego e desemprego para homens jovens de 15 a 24 anos de idade estratificadas por região, cujos resultados confirmam a maioria dos resultados econométricos obtidos para as variáveis binárias representando as regiões brasileiras. As regiões Sul e Centro-Oeste possuem as maiores taxas de emprego, e a região Sudeste as maiores taxas de desemprego. A diminuição na probabilidade de desemprego para jovens residentes no Nordeste se dá em razão de esta região possuir a menor taxa de desemprego e a maior taxa de inatividade.

5.1.2. Equações de inatividade, emprego e desemprego para mulheres jovens das áreas urbanas

A Tabela 5 apresenta as equações de inatividade, emprego e desemprego para mulheres jovens com residência urbana. Em geral, as variáveis explanatórias tiveram

alto poder explicativo, sendo que quatorze coeficientes, dos dezessete estimados, foram estatisticamente significativos nas equações de probabilidade de emprego e desemprego.

Os resultados da Tabela 5 mostram que a escolaridade contribui para aumentar a probabilidade de emprego e desemprego das mulheres jovens e para diminuir a probabilidade de inatividade. A diminuição da probabilidade de inatividade reflete o efeito do salário na atratividade do mercado de trabalho, ou seja, o aumento na escolaridade eleva o nível de capital humano, o que tende a afetar positivamente o nível salarial, o qual, tudo mais constante, deve elevar a atratividade do mercado. O aumento do emprego deve-se ao aumento de produtividade a cada ano adicional de estudo, o que afeta positivamente o grau de empregabilidade da jovem. O aumento na probabilidade de desemprego com incrementos na escolaridade é um fenômeno de difícil explicação. A explicação pode estar no grau de seletividade na busca de trabalho por mulheres jovens, o qual deve ser relativamente alto e aumentar com os anos de escolaridade, o que pode elevar a duração do desemprego e, portanto, a probabilidade de desemprego.

O efeito da experiência sobre as probabilidades de inatividade, emprego e desemprego para as mulheres jovens foi o mesmo encontrado para os homens, isto é, a experiência contribui para aumentar a probabilidade de a mulher jovem encontrar emprego e para diminuir a probabilidade de inatividade e desemprego. Entretanto, observa-se que o efeito da experiência sobre a probabilidade de emprego é mais forte para as mulheres do que para os homens. Enquanto o aumento de um ano de experiência para os homens aumenta em 20% a probabilidade de o jovem

TABELA 5
Equações de inatividade, emprego e desemprego para mulheres jovens, com residência urbana

Variáveis	Inativo (referência)	Empregado	Desempregado
Constante	0,684	-0,623 (-24,57) ***	-0,0607 (-14,45) ***
Escolaridade	-0,0386	0,0314 (20,23) ***	0,00722 (14,91) ***
Experiência	-0,253	0,263 (58,71) ***	-0,0112 (17,71) ***
Experiência ao quadrado	0,0137	-0,0144 (-53,89) ***	0,000654 (-15,60) ***
Educação * Experiência	0,000985	-0,000954 (-2,72) ***	-0,0000306 (-1,03)
Branco	0,0545	0,0167 (-0,75)	-0,0711 (-6,52) ***
Pardo	0,0450	-0,000870 (-1,11)	-0,0441 (-4,2) ***
Filha	-0,0148	0,0678 (2,45) **	-0,0530 (-2,91) ***
Cônjuge	0,212	-0,158 (-10,88) ***	-0,0530 (-9,23) ***
Outro	-0,0962	0,162 (6,65) ***	-0,0656 (1,68) *
Nº de pessoas na família < 8 anos	0,0185	-0,0160 (-2,86) ***	-0,00252 (-1,73) *
Nº de pessoas na família > 7 anos	-0,00492	0,00795 (2,29) **	-0,00303 (-0,46)
Renda familiar per capita	0,000191	-0,0000822 (-10,37) ***	-0,000109 (-11,75) ***
Região Norte	0,0273	-0,0262 (-1,59)	-0,00108 (-0,69)
Região Sul	-0,0668	0,0222 (3,08) ***	0,0446 (5,54) ***
Região Sudeste	-0,0584	0,000468 (2,48) **	0,0580 (8,70) ***
Região Centro-Oeste	-0,0518	0,0222 (2,22) **	0,0296 (3,31) ***
Observações	27.576		
Teste mult. Lagrange	16.882,20		

Obs: Testes t estão entre parênteses abaixo dos efeitos marginais.

*** Denota significância ao nível de 1%

** Denota significância ao nível de 5%

* Denota significância ao nível de 10%

encontrar-se empregado, para as mulheres esse incremento é de 26%.

Os resultados obtidos para as variáveis representando a cor das mulheres jovens foram os mesmos obtidos para os homens, mostrando que a discriminação racial no mercado de trabalho no preenchimento das vagas existentes é generalizado, não fazendo distinção entre homens e mulheres. As mulheres jovens de cor preta possuem maior probabilidade de desemprego que as brancas e pardas. Ademais, observa-se que o efeito da cor preta em aumentar a probabilidade de desemprego é maior para as mulheres do que para os homens.

Os resultados obtidos para as variáveis representando a posição ocupada pelo

jovem na família (filho, cônjuge, outro e chefe – variável omitida) foram opostos àqueles obtidos para os homens. Note que na equação dos homens não há a variável binária cônjuge. A jovem que ocupa a posição de filha tem probabilidade 7% mais elevada de emprego e probabilidade 5% menor de desemprego que a chefe de família. A posição de cônjuge afeta positivamente a probabilidade de inatividade, o que se deve à maior responsabilidade destas jovens nos cuidados com os filhos e com os afazeres domésticos. O efeito negativo desta variável na probabilidade de desemprego é de difícil explicação. Esperava-se que a variável cônjuge afetasse positivamente a probabilidade de desemprego.

TABELA 6
Porcentagem de indivíduos inativos, empregados e desempregados, para mulheres residentes nas áreas urbanas, estratificada por posição no domicílio

	Chefe	Cônjuge	Filho	Outro
Inativo	35,8	57,2	50,1	39,4
Empregado	48,3	32,2	36,6	49,5
Desempregado	15,9	10,6	13,3	11,2

Fonte: PNAD/IBGE, 1998 (microdados).

Acreditava-se que devido à maior responsabilidade da cônjuge no lar seu salário reserva fosse mais alto e, portanto, esta exigiria salário maior para aceitar uma oferta de trabalho, o que deveria aumentar sua probabilidade de desemprego. Também existe a discriminação no mercado de trabalho contra as mulheres, principalmente para as casadas, pois estas têm alguns direitos distintos dos homens, como a licença à maternidade, que no Brasil é de 4 meses. Além disso, as mulheres que têm filhos estão mais suscetíveis a faltas ao trabalho ou a saídas no meio do expediente por causa de alguma emergência com seus filhos. Por tudo isso, geralmente, as empresas preferem contratar homens ou mulheres solteiras. Entretanto, o resultado obtido indica o oposto. Talvez, a diminuição da probabilidade de desemprego esteja relacionada com a baixa taxa de atividade para este segmento populacional, a qual é 42,8%, como mostra a Tabela 6.

As variáveis número de pessoas na família com sete ou menos anos de idade causaram diminuição estatisticamente significativa na probabilidade de emprego e aumento na probabilidade de inatividade. A queda na probabilidade de emprego deve-se dar em função da necessidade de os jovens da família substituírem seus pais e membros mais velhos nas atividades domésticas e cuidados com as crianças.

Para as mulheres jovens, a variável renda familiar per capita causou diminuição estatisticamente significativa nas probabilidades de emprego e desemprego. Tal fenômeno deve-se ao efeito do salário reserva das mulheres jovens, para as quais o suporte financeiro por parte da família lhes permite postergar a entrada no mercado de trabalho, o que aumenta a taxa de inatividade e, portanto, diminui o congestionamento da busca por trabalho por este

segmento da população, o que, tudo mais constante, diminui a sua probabilidade de emprego, bem como a probabilidade de desemprego, relativamente à probabilidade de inatividade. Tal resultado reforça a tese de que quanto mais renda disponível a jovem possuir mais tarde ela entrará no mercado de trabalho.

Os resultados obtidos para as variáveis binárias representando as regiões brasileiras (região Nordeste omitida) indicam que residir na região Nordeste aumenta a probabilidade de inatividade em relação às regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, e diminui a probabilidade de inatividade em relação à região Norte. Da mesma forma, residir na região Nordeste diminui a probabilidade de emprego e desemprego relativamente às demais regiões.

5.1.3. Equações de inatividade, emprego e desemprego para jovens das áreas rurais

Os resultados das equações de inatividade, emprego e desemprego dos jovens nas áreas rurais estão apresentados nas Tabelas 7 e 8, para homens e mulheres, respectivamente.

Para as probabilidades de inatividade e emprego, os sinais dos efeitos marginais são muito semelhantes àqueles obtidos nas áreas urbanas. No entanto, observa-se que a variável escolaridade não foi estatisticamente significativa, indicando que para os homens jovens das áreas rurais essa variável não é fator determinante na probabilidade de o jovem obter emprego ou não, o que talvez se dê em função de falhas do sistema de ensino, o qual, na maior parte das vezes, não adapta a grade curricular à realidade rural.

Observam-se, para os homens, efeitos marginais da variável experiência substancialmente superior nas áreas urbanas

do que nas rurais, o que indica que a experiência é mais valorizada nestas áreas do que nas rurais, visto que o trabalho urbano, geralmente, exige maior especialização por parte dos trabalhadores. Por exemplo, o aumento de um ano de experiência reduz a probabilidade de inatividade em 13% nas áreas urbanas e em 3,8% nas áreas rurais. A probabilidade de emprego, com o acréscimo de um ano de experiência, aumenta em 20% nas áreas urbanas e em 5,8% nas áreas rurais. Para as mulheres, os efeitos marginais da experiência são ligeiramente superiores nas áreas rurais em relação às áreas urbanas.

Analisando-se a magnitude dos efeitos marginais para a variável binária "filho", pode-se dizer que os jovens que ocupam a

posição de filho na família estão mais propensos ao trabalho na zona rural do que na zona urbana. Por exemplo, enquanto nas áreas urbanas o filho tem probabilidade 8,5% maior que a do chefe de família de ser inativo, nas áreas rurais essa mesma probabilidade é de apenas 4,8%. Para as mulheres, verifica-se que a probabilidade de inatividade das filhas, nas áreas rurais, é 8,5% menor que das chefes e, nas áreas urbanas é menor apenas 1,5%.

Note que a renda familiar per capita, a qual foi altamente significativa nas equações de emprego das áreas urbanas, só foi estatisticamente significativa nas áreas rurais para as mulheres ao nível de 10%.

Quanto à probabilidade de desemprego percebe-se que para os homens

TABELA 7
Equações de inatividade, emprego e desemprego para homens jovens, com residência rural

Variáveis	Inativo (referência)	Empregado	Desempregado
Constante	-0,00434	0,0147 (0,03)	-0,00103 (-0,04)
Escolaridade	-0,000813	-0,00264 (0,90)	0,00345 (4,39) ***
Experiência	-0,0376	0,0575 (26,33) ***	-0,0199 (7,35) ***
Experiência ao quadrado	0,00185	-0,00280 (-21,22) ***	0,000945 (-6,13) ***
Educação * Experiência	0,0000852	-0,000105 (-0,57)	0,0000197 (-0,31)
Branco	0,00908	0,00570 (-1,04)	-0,0148 (-2,61) **
Pardo	0,0135	0,00154 (-1,61) *	-0,0150 (-3,15) ***
Filho	0,0482	-0,0475 (-4,08) ***	-0,000742 (-3,50) ***
Outro	0,0389	-0,0263 (-3,02) ***	-0,0127 (-3,32) ***
Nº de pessoas na família < 8 anos	-0,00630	0,00755 (2,64) ***	-0,00125 (1,46)
Nº de pessoas na família > 7 anos	0,000150	0,00201 (-0,08)	-0,00216 (-1,64)
Renda familiar per capita	-0,00000103	0,0000445 (0,24)	-0,0000435 (-2,23) **
Região Norte	-0,0109	0,0309 (0,73)	-0,0199 (-0,39)
Região Sul	-0,0248	0,0405 (3,99) ***	-0,0157 (0,80)
Região Sudeste	-0,0165	0,0132 (3,67) ***	0,00328 (3,42) ***
Região Centro-Oeste	-0,0113	0,0185 (1,50)	-0,00718 (0,30)
Observações	5,922		
Teste mult, Lagrange	2,845,03		

Obs: Testes t estão entre parênteses abaixo dos efeitos marginais.

*** Denota significância ao nível de 1%

** Denota significância ao nível de 5%

* Denota significância ao nível de 10%

TABELA 8
Equações de inatividade, emprego e desemprego para mulheres jovens, com residência rural

Variáveis	Inativo (referência)	Empregado	Desempregado
Constante	0,874	-0,793 (-10,73) ***	-0,0804 (-7,00) ***
Escolaridade	-0,0387	0,0314 (6,78) ***	0,00726 (6,75) ***
Experiência	-0,289	0,289 (31,29) ***	-0,000531 (7,84) ***
Experiência ao quadrado	0,0138	-0,0138 (-25,14) ***	0,0000214 (-5,58) ***
Educação * Experiência	0,00307	-0,00210 (-2,97) ***	-0,000963 (-3,02) ***
Branco	0,00186	0,0126 (0,12)	-0,0127 (-0,61)
Pardo	0,0402	-0,0494 (-0,85)	0,00924 (0,20)
Filho	-0,0850	0,144 (1,93) *	-0,0597 (-2,42) **
Cônjuge	0,0798	-0,0169 (-0,91)	-0,0629 (-4,47) ***
Outro	-0,150	0,198 (2,47) **	-0,0485 (-1,22)
Nº de pessoas na família < 8 anos	0,00862	-0,00148 (-0,36)	-0,00714 (-1,37)
Nº de pessoas na família > 7 anos	-0,0206	0,00510 (0,48)	-0,00304 (-0,89)
Renda familiar per capita	0,000111	-0,000134 (-1,70) *	0,0000223 (0,39)
Região Norte	-0,164	0,174 (1,73) *	-0,0104 (0,23)
Região Sul	-0,107	0,0817 (2,61) **	0,0256 (2,74) ***
Região Sudeste	-0,0343	-0,00597 (0,46)	0,0403 (4,32) ***
Região Centro-Oeste	-0,0706	0,0460 (1,28)	0,0247 (2,02) **
Observações	5,266		
Teste mult. Lagrange	4,179,44		

Obs: Testes t estão entre parênteses abaixo dos efeitos marginais.

*** Denota significância ao nível de 1%

** Denota significância ao nível de 5%

* Denota significância ao nível de 10%

jovens 50% das variáveis afetam a probabilidade de desemprego na zona rural em direção oposta à da zona urbana, ou seja, 50% dos sinais das variáveis explicativas para as áreas rurais são diferentes daqueles obtidos para as áreas urbanas. Por exemplo, enquanto para os homens jovens das áreas urbanas a escolaridade diminui a probabilidade de desemprego, para os jovens das áreas rurais o aumento na escolaridade eleva a probabilidade de desemprego. Este último resultado estaria indicando que os trabalhadores residentes nas áreas rurais com melhor formação ficam mais exigentes quanto ao trabalho e salário, não aceitando qualquer oferta de

trabalho, o que pode elevar a duração do desemprego para este segmento populacional e, portanto, a sua taxa de desemprego. Para as mulheres, os sinais dos efeitos marginais obtidos para as áreas rurais são muito semelhantes àqueles obtidos nas áreas urbanas.

6. Conclusões

A situação de alto desemprego entre os jovens compromete seu futuro desempenho sócio-econômico, tornando necessária a compreensão do fenômeno da exclusão juvenil do mercado de trabalho, com vistas a viabilizar a integração social e

econômica dos jovens. O conjunto de resultados analisados neste trabalho representa uma contribuição neste sentido.

Verificou-se que os jovens brasileiros enfrentam altas taxas de desemprego, as quais são significativamente mais elevadas nas áreas urbanas e para as mulheres. Verificou-se ainda que a situação de desemprego entre os jovens é mais grave na região Sudeste, para os jovens com nível mediano de escolaridade (4 a 10 anos de estudo), para jovens de cor preta e para os indivíduos cuja posição no domicílio é de cônjuge.

O modelo logíte multinomial mostrou que as probabilidades de inatividade, emprego e desemprego são afetadas de forma diferenciada pelas variáveis consideradas na análise, sendo a escolaridade, a experiência, a cor dos indivíduos e a renda familiar os fatores que se mostraram mais importantes na determinação da forma de inserção dos jovens no mercado de trabalho.

As altas taxas de desemprego enfrentadas pelos jovens trazem conseqüências

muito sérias para os jovens e suas famílias, as quais muitas vezes são irreversíveis. Milhões de jovens brasileiros estão cercados por um ambiente desanimador, sem perspectivas de uma boa escolaridade e muito menos de um bom emprego e conseqüentemente de melhora de vida. A perpetuação do ciclo de pobreza, ou seja, a reprodução das condições sociais vigentes, em que os mais pobres têm menos escolaridade, trabalham mais e auferem os menores rendimentos, é vista como certa. Os jovens brasileiros estão sem perspectivas, o que provoca uma série de problemas sociais como o aumento do consumo de álcool e drogas, aumento da violência e da prostituição e altas taxas de gravidez precoce. O Brasil necessita de uma política para a juventude que compreenda educação, trabalho, cultura, saúde e lazer, de modo a garantir melhoras na qualidade de vida de nossos jovens e criar condições para o desenvolvimento sustentado do país.

Referências bibliográficas

FERNANDES, R. Mercado de trabalho não-regulamentado: participação relativa e diferenciais de salários. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 26, n.3, p. 417-442, dez. 1996.

FERNANDES, R.; PICCHETTI, P. Uma análise da estrutura do desemprego e da inatividade no Brasil metropolitano. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 29, n. 1. p. 87-111, abr. 1999.

FREEMAN, R. Why do so many young American men commit crimes and what might we do about it? **Journal of economic perspectives**, vol. 10, n. 1, p. 25-42, winter 1996.

FREEMAN, R; RODGERS, W. M. Area economic conditions and the labor market outcomes of young men in the 1990s expansion. **NBER Working paper series** n. 7073, 1999.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa**

Nacional por Amostra de Domicílios. Rio de Janeiro: IBGE, 1998. Microdados on CD-ROM.

GOLDSMITH, A. H., VEUM, J. R., DARITY, W. J. The impact of labor force history on self-esteem and its component parts, anxiety, alienation and depression. **Journal of economic psychology**, v. 17, p. 183-220, 1996.

GREENE, W. **Econometric analysis**. Local: Macmillan, 3 rd ed., 1997. 1075p.

KASSOUF, A. L. Wage gender discrimination and segmentation in the Brazilian labor market. **Economia Aplicada**, São Paulo: FIFE/FEA-USP, v. 2, n. 2, jun. 1998.

KASSOUF, A.L. "O trabalho infantil no Brasil". São Paulo, 1999. 110 p. Tese de livre docência. Piracicaba: DEAS-ESALQ-USP.

KORENMAN, S; NEWMARK, D. Cohort crowding and youth labor markets: a cross national analysis. **NBER Working paper series** n. 6031, 1997.

MORREL, S. L.; TAYLOR, R. J.; QUINE, S.; KERR, C. B.; WESTERN, J. A case-control study of employment status and mortality in a cohort of Australian youth. **Social Science & Medicine**, v. 49, p. 383-392, 1999.

MORREL, S. L.; TAYLOR, R. J.; KERR, C. B. Unemployment and young people's health. **Medical Journal of Australia**, v. 168, n. 5, p. 236-240. 1998.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Employing youth: promoting employment – intensive growth**. Paper for the symposium on strategies to combat youth employment). In: homepage: www.ilo.org, mai. 2000.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Fórum nacional jovem século XXI: educação, formação profissional**

& empregabilidade. Brasília: (mimeo), dez. 1999.

SILVA, N. D. V. "Mercados de Trabalho Formal e Informal: uma análise da discriminação e da segmentação". São Paulo, 1997. 147 p. Dissertação (Mestrado). Piracicaba: DESR-ESALQ-USP.

TIEFENTHALER, J. Female labor force participation and wage determination in Brazil, 1989. In: PSACHAROPOULOS, G.; TZANNATOS, Z. (Eds.) **Cases studies on women's employment and pay in Latin America**, 1994.

WADSWORTH, M.E.J., MONTGOMERY, S.M., BARTLEY, M.J. The persisting of unemployment on health and social well-being in men early in working life. **Social Science & Medicine**, v. 48, p. 1491-1499, 1999.

Abstract

The goal of this study is to analyze the situation of youth between the ages of 15 and 24 on the Brazilian labor market, seeking to evaluate the magnitude and the determinants of unemployment of Brazilian youth, using the 1988 National Household Sample Survey (PNAD). To understand the characteristics which affect the probability of unemployment of a given individual, a multinomial logit model was estimated for the probability that, at any given moment, a youth will be either inactive, active and employed, or active and unemployed. The results from the multinomial logit model show that an increase in the number of years in school reduces the probability of unemployment among men living in urban areas to be unemployed and increases the probability of unemployment for both men and women in the rural areas, possibly due to higher employment selectivity. Moreover, the probability of unemployment was negatively related to experience for all men and women living in urban areas. The study also found evidence of discrimination against blacks in the labor market and higher probability of unemployment for youths from low-income families.

Enviado para publicação em 25/10/2002.

